

GOVERNADOR DO PSL NOMEIA DEPUTADO COMUNISTA COMO LÍDER EM RORAIMA

Governadores eleitos pelo PSL em três estados fogem do modelo de Jair Bolsonaro e dialogam com a oposição, do PT ao MST

Revista Veja¹; Elói Martins Senhoras²; Josenir Dettoni³

O governador de Roraima, Antonio Denarium (PSL), fez algo impensável para o governo Bolsonaro e escolheu um “comunista” para ser seu líder de governo na Assembleia: o deputado Soldado Sampaio, do PCdoB. Sobre a óbvia contradição, Sampaio disse que aceitou o convite do governador “pensando no bem-estar de Roraima”.

“De fato, ideológica e partidariamente é uma contradição e não dá para tapar o sol com a peneira, mas pensando no bem-estar de Roraima é que aceitei assumir a liderança do governo”, afirmou, ao site da Assembleia Legislativa. Soldado Sampaio disse ser “radicalmente contra” a reforma da Previdência, proposta central do governo federal comandado pelo PSL.

“Deixei claro ao governador que não abro mão da minha história, da minha luta e das minhas promessas de campanha. O partido do governador defende a reforma da Previdência, que sou radicalmente contra. Mas também não vivo alheio aos problemas do estado e, por um viés partidário, não posso torcer para dar errado”.

Apesar de eleitos pelo PSL de Jair Bolsonaro, Denarium e Moisés têm procurado se distanciar do modelo de governo do presidente da República. A dificuldade na relação entre Executivo e Legislativo também se reproduz nos dois estados, mas, enquanto Bolsonaro promove uma cruzada contra a esquerda e insiste na retórica ideológica, eles procuram ser pragmáticos: dialogam com a oposição e evitam a pauta de costumes.



Os governadores eleitos pelo PSL Antonio Denarium (RR) e Comandante Moisés (SC) (Agência Brasil/H. Emiliano/ALE-RR/Divulgação)

¹ Editorial da Revista Veja em parceria com o Jornal O Estado de São Paulo.

² Professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

³ Professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

O PSL elegeu um terceiro governador – Coronel Marcos Rocha, em Rondônia. A exemplo dos colegas de partido, ele não patrocinou até agora debate sobre temas como Escola Sem Partido ou fez menção de interferir no currículo escolar. O mais próximo que fez de Bolsonaro foi trabalhar pela militarização de escolas públicas, projeto que já era debatido no estado.

“Não existe atrelamento à agenda bolsonarista ideológica. Era mais uma perspectiva dessas propostas liberais, principalmente do agronegócio”, analisou o cientista político Eloi Senhoras, da Universidade Federal de Roraima.

Segundo o pesquisador Joseni Dettoni, da Universidade Federal de Rondônia, o governador do estado “é mais moderado que Bolsonaro. No que mais se assemelham é o militarismo”.

O esforço para construir pontes com partidos de oposição tem uma razão: a falta de uma maioria no Legislativo que garanta a aprovação de projetos dos governadores. Moisés (SC), por exemplo, conta com uma base de apenas seis deputados entre quarenta parlamentares. Em Rondônia, o roteiro se repete. O governador teve um pedido de impeachment protocolado na Assembleia Legislativa em 1.º de abril.

Diferentes nos estilos e estratégias, os governadores guardam, contudo, semelhanças com o presidente. A mais visível é a escolha de militares para cargos nos governos de Moisés e Rocha. No primeiro caso, das doze secretarias, quatro são ocupadas por militares – Saúde, Segurança, Infraestrutura e Administração. Em Rondônia o número é maior: sete dos 19 secretários e chefes de autarquias são militares.